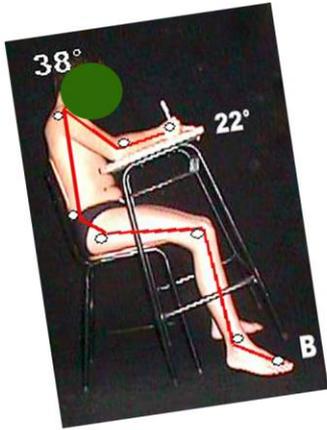
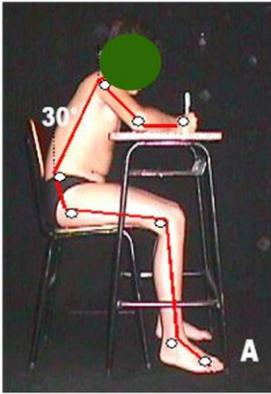


# o corpo



C

**ergonomia da sala de aula**



tor  
nar  
o  
par  
tici  
pa  
nte  
res  
po  
nsá

vel pela obra **uma arte que**  
**nos faz principalmente**  
**lembrar de nossas**

**vidas** vivenciar a experiência,  
como respirar, é um ritmo de  
absorções e expulsões a superfície das  
coisas nunca é meramente uma superfície

**memória do corpo**

falaremos em eco

**saúde**  
**coletiva,**  
**saúde**  
**política**

alteridade

criação de laços processo

aberto **um porto**  
**de palavras**



*Grow Love with me* de Yoko Ono, presente de um amigo.  
Fotografia da maleta de meu pai com terra do/no lugar onde nasci.  
Ao fundo, coleção de terras.



# Nós em corpos, paisagens e afetos

A artista entra na sala, calada, e caminha tranquilamente até o público que a aguarda sentado no chão. Ela senta em uma cadeira de madeira. Um dos seus sapatos, o do pé esquerdo, está com o cadarço desamarrado. Ela dá um nó. Desfaz o laço do sapato do pé direito e faz outro nó. O que se segue é uma sequência de nós nos cadarços. A artista sentada dá nós em silêncio.<sup>1</sup>

Leva-se tempo para aprender a fazer laços no cadarço. Passamos anos dando nós. O nó nos permite andar sem cair, o nó é a garantia de que o cadarço não se soltará e de que não seremos surpreendidos com ele agarrado no próprio caminhar.

Em 1967, o artista Richard Long caminhou em linha reta por uma paisagem da Inglaterra. Sua intervenção naquele solo é a experiência do corpo do artista transformada em imagem. Um corpo “mobilizado como meio”<sup>2</sup> se lança a caminhar.

## A FIVE DAY WALK

FIRST DAY TEN MILES

SECOND DAY TWENTY MILES

THIRD DAY THIRTY MILES

FOURTH DAY FORTY MILES

FIFTH DAY FIFTY MILES

TOTNES TO BRISTOL BY ROADS AND LANES  
ENGLAND 1980

<sup>1</sup> Navarro, Luana. *Nós*. 2015. Descrição/projeção/projeto de performance.

<sup>2</sup> Em *La Fotografia Plástica*, Dominique Baque utiliza o termo “corpo mobilizado” ao referir-se às práticas de artistas da performance e *Land art*.



## WIND STONES

### LONG POINTED STONES

# SCATTERED ALONG A 15 DAY WALK IN LAPPLAND 207 STONES TURNED TO POINT INTO THE WIND

1985

Em 2012, Paulo Nazareth caminha no deserto mexicano vestindo os sapatos ao contrário. Com a parte da frente virada para trás e com os sapatos precariamente presos aos pés, o artista caminha, mas as pegadas marcam a direção contrária. A ação é intitulada *Para cuando ellos me busquen en el desierto*<sup>3</sup>.

Práticas cotidianas, gestos deslocados e resignificados potencializam nosso enfrentamento do mundo e expandem o que há de mais banal em nós. O banal é vida, e pode nos lançar àquilo que John Dewey denominou como uma experiência singular.

Na década de 1930, Dewey defendeu a arte como experiência em uma série de conferências sobre Filosofia da Arte. Dentre seus argumentos, lhe era cara a defesa de uma arte como processo, e não como produto acabado. O processo desvelaria um caminho, algo como *Se hace camino al andar* da artista Esther Ferrer.

Para Dewey, a arte como produto significaria separar o sujeito do fazer artístico, o que impediria uma fruição compartilhada da experiência. Entendendo a experiência como “resultado da interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo em que ela vive”<sup>4</sup>, Dewey pontuou dois tipos de experiência: a singular e a incipiente.

<sup>3</sup> Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ofjiS1nH13g>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.

<sup>4</sup> DEWEY, John. *Arte como Experiência*; org. Jo Ann Boydston; tradução Vera Ribeiro. – São Paulo: Martins Fontes, 2010. P.122.



Se hace camino al andar. 2013.

Esther Ferrer.

El camino



A experiência singular, ao contrário da experiência incipiente, seria capaz de provocar um deslocamento no sujeito, sendo constituída por um fluxo de algo para algo e de uma qualidade ímpar que lhe caracterizaria como singular. Dentre muitos artistas que propuseram radicalizar a noção de experiência em sua produção, pode-se destacar Allan Kaprow. Profundamente motivado por seus estudos em filosofia e pelos textos de Dewey, o artista viria a desenvolver uma poética que pode ser observada a partir de três termos elaborados por ele para pensar suas produções e as de outros artistas a partir dos anos 50.

1) **Environments/Ambientes.** Em texto publicado em 1958 sobre a obra de Pollock<sup>5</sup>, Kaprow pontua que sua pintura abstrata borrava a fronteira entre a vida e a arte. O fato de o artista estender suas telas no chão para pintar o colocava literalmente dentro do trabalho. As dimensões de suas pinturas inauguravam ainda uma nova proposta de relação do espectador com a obra que parecia transbordar para o espaço, tornando-se assim o próprio ambiente. A percepção dessa relação gerada pelas pinturas de Pollock leva Kaprow a repensar o status do espectador e sua relação com a obra de arte. O espectador estaria mais próximo então de uma condição de participação, e não de observação, pois havia nessa relação um envolvimento corporal direto. Como aponta Gillian Sneed<sup>6</sup>, “essa percepção levou Kaprow e outros artistas a desistirem totalmente da pintura em favor de atividades que estavam mais sintonizadas com o mundo fora das telas”.

2) **Happenings.** Interessado em complexificar o lugar do espectador, a partir dos anos 60 Kaprow se empenha em uma arte participativa. Uma das premissas dos então chamados *happenings* seria a participação do público em um evento que envolve o improviso e o acaso. O artista buscava possibilitar a autonomia do participante, fazendo dele justamente um agente ativo e constituinte do trabalho. Esse não deveria ser repetido e deveria evitar os espaços circunscritos no campo da arte (galerias, museus, teatros etc.). Ricardo Basbaum<sup>7</sup>, em leitura sobre Kaprow, refere-se a essa relação proposta pelo

---

5 O texto “O legado de Jackson Pollock” foi publicado em 1958 na revista Art News. No Brasil, foi traduzido e publicado em *Escritos de Artistas* anos 1960/70, organizado por Gloria Ferreira em 2009.

6 Em *Dos Happenings ao Diálogo: Legado de Allan Kaprow nas Práticas Artísticas “Relacionais” Contemporâneas*, Gillin Sneed propõe uma leitura dos trabalhos de Rirkrit Tiravanija e Tino Sehgal a partir de alguns conceitos problematizados por Allan Kaprow e dos teóricos Claire Bishop e Donald Kuspit.

7 Em 2014, Ricardo Basbaum participou de uma atividade proposta por Bulegoa z/b em Bilbao intitulada *Abriendo um happening de Kaprow*. Na ocasião, o artista realizou uma fala sobre a obra de Kaprow articulada em 5 eixos: arte e vida, técnica conceitual, imersão na experiência, an-artista e a ideia de jogo. A fala completa está disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=Pz33lym5LrQ>. Acesso em: 10 de janeiro de 2015.



artista como uma forma de “tornar o participante responsável pela obra”.

- 3) **Atividades.** Por fim, conceberia esse termo para pensar suas ações cotidianas e realizadas sem audiência, com pequenos grupos e frequentemente dentro do contexto da universidade em que ministrava aulas. Em atividades, a obra / proposição realiza-se no participante, o que apresenta-se nessas ações é a possibilidade de uma experiência compartilhada que poderá ou não acontecer por e naquele que a realiza.

### ***Air condition (1975)***

***Molhar uma parte de seu corpo com a  
saliva de alguém  
esperar até que seque  
de novo e de novo  
Molhar outra parte do corpo  
assoprar até que seque  
de novo e de novo  
Molhar ainda uma outra parte  
correr até que seque  
de novo e de novo  
Repetir  
até que a boca seque  
até que o corpo esteja molhado***

O que engendrava as práticas de Kaprow parece ser não apenas o desejo de rompimento cada vez mais evidente entre arte e vida, mas também a possibilidade de construção de ferramentas para uma experiência assumidamente real e presentificada. Como disse Basbaum<sup>8</sup>, Kaprow saiu do campo da arte para falar da vida, e naquele contexto era necessário sair das convenções, dos espaços institucionais. No entanto, nunca se sai por completo, e Kaprow, consciente disso, explorou justamente esse deslocamento e essa tensão.

No texto *A educação no não-artista (1971)*, Kaprow empenhou-se

---

<sup>8</sup> BASBAUM, Ricardo. *Abriendo un happening de Kaprow*. 2014.



em travar conceitos para esmiuçar e propor uma noção de não-artista que, segundo ele, deveria evitar os papéis estéticos, desistir de todas as referências e desviar-se para longe de onde as artes se congregam.

Para Kaprow<sup>9</sup>, “não-arte (an-arte) é mais arte do que Arte-arte. Não-arte é qualquer coisa que, embora ainda não aceita como arte, tenha atraído a atenção de um artista com essa possibilidade em mente”.

Hoje, a palavra experiência - e mesmo arte como experiência - parece encoberta por uma noção excessiva e esvaziada de potência de sentido. Ainda nas palavras de Basbaum<sup>10</sup>, “a arte contemporânea naturalizou esse processo. Em cada vez mais galerias, museus e revistas de arte nos deparamos com trabalhos que afirmam esse lugar”. No entanto, no trabalho de Kaprow, essa noção é radicalizada ao tentar instituir-se fora do circuito da arte e ao fundar uma nova relação do até então espectador com a obra de arte. O artista sequer documentou fotograficamente ou videograficamente a maior parte de suas proposições.

Se sublinharmos o elemento alteridade presente na obra de Kaprow, na medida em que considera o espectador como agente ativo e constituinte da obra, e guardadas as diferenças e contextos históricos, podemos perceber um diálogo que se estabelece entre suas *Atividades*, os *Bichos* de Lygia Clark, e os *Parangolés* de Helio Oiticica. Não seria demasiado incluir Kaprow na afirmação de Basbaum<sup>11</sup> sobre as proposições de Helio e Lygia:

Em ambas as situações o espectador é convidado a fugir de uma fruição estética passiva para se envolver corporalmente em um processo sensível.

Tornando permeável a fronteira entre arte e vida, esses artistas nos levam a “uma arte que nos faz principalmente lembrar de nossas vidas”<sup>12</sup>. E lembrar da vida é lembrar daquilo que experienciamos, ao ativar o que Lygia chamava de memória do corpo.

Assim como Kaprow, Lygia viria ainda a se denominar uma não-artista. Há em ambos um desejo de intensificação das experiências sensoriais, o que pode aproximar os pontos de contato de suas produções. Para Frederico Gomes<sup>13</sup>, com os

<sup>9</sup> KAPROW, Allan. *A Educação do Não-Artista, Parte I* (1971). In: *Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ / Sheila Cabo Geraldo*, ed. Vol. 4, n.4 (mar. 2003). Rio de Janeiro: UERJ, ART, 2003.

<sup>10</sup> BASBAUM, Ricardo. *Abriendo un happening de Kaprow*. 2014.

<sup>11</sup> BASBAUM, Ricardo. *Vivência crítica participante*. ARS (São Paulo) vol.6 no.11 São Paulo 2008.

<sup>12</sup> KAPROW, Allan. *A Educação do Não-Artista, Parte I* (1971). In: *Concinnitas: Revista do Instituto de Artes da UERJ / Sheila Cabo Geraldo*, ed. Vol. 4, n.4 (mar. 2003). Rio de Janeiro: UERJ, ART, 2003.

<sup>13</sup> GOMES, Frederico. *A genealogia do (não) artista*. In *Crítica de arte no Brasil: temáticas contemporâneas*. Org. Gloria Ferreira. Rio de Janeiro, Funarte, 2006.



Bichos, Lygia

(...) ultrapassaria o próprio objeto: o artista agora é um proponente de situações sensíveis em que a experiência perceptiva está localizada no próprio corpo do espectador. (...) Será entretanto com os trabalhos “terapêuticos” - objetos relacionais operando no limite de tensão entre a prática artística e a prática psicanalista, mas sem resgatar para si qualquer espécie de positividade: científica ou de produção de obras - que este processo atingirá seu clímax. E Lygia passará, então, a denominar-se “não artista”.

Proposições recentes como as do artista Harrel Fletcher estendem algumas questões postas até aqui. Em *The Best Things in Museums are the Windows*, o artista, a convite para desenvolver um trabalho no Center for Art & Inquiry em São Francisco, na Califórnia, propõe uma caminhada com um grupo de participantes.

O grupo percorreu o trajeto do Museu até o Monte Diablo durante quatro dias realizando diversas paradas nas quais os participantes propunham atividades sobre temas relacionados à região, paradas para observações e interação com a comunidade local. O que se apresenta como proposta é explorar a paisagem circundante. Nas palavras do próprio artista, “o projeto teve como objetivo transformar o mundo durante todos os dias em uma sala de aula aberta ao trabalhar em direção a uma maior integração de uma instituição cultural dentro de sua comunidade”<sup>14</sup>. E por que não mais uma vez aqui fazer uma dobra no tempo e evidenciar na proposição de Fletcher a proposta de Oiticica: “o museu é o mundo, é a experiência cotidiana”. Gesto, ar, corpo ou paisagem, espaço, trajeto e materiais se permeiam conjugando aquilo que seria o caminho percorrido, como um processo de escrita e de criação, suscetível a desvios, acréscimos, decréscimos, sucesso e fracasso.

Nos trabalhos descritos neste texto há qualquer coisa de laço, e às vezes, nó. Há quem diga que quando não se sabe fazer laços, se faz nós. Para fazer laços é preciso delicadeza, é preciso um *savoir faire*. Construir um laço é assumir o processo de movimento em relação ao outro, com as implicações do mover-se, é perceber e ser afetado pelos movimentos também do outro, mover-se juntos, mover-se em direções opostas ou não, é a capacidade de envolver-se, um entrelaçamento delicado. Um entrelaçamento sempre possível de ser desfeito pelo outro, sem muita força.

<sup>14</sup> FLETCHER, Harrel. <http://www.harrellfletcher.com/?p=287>. Acesso em 10 de janeiro de 2015.

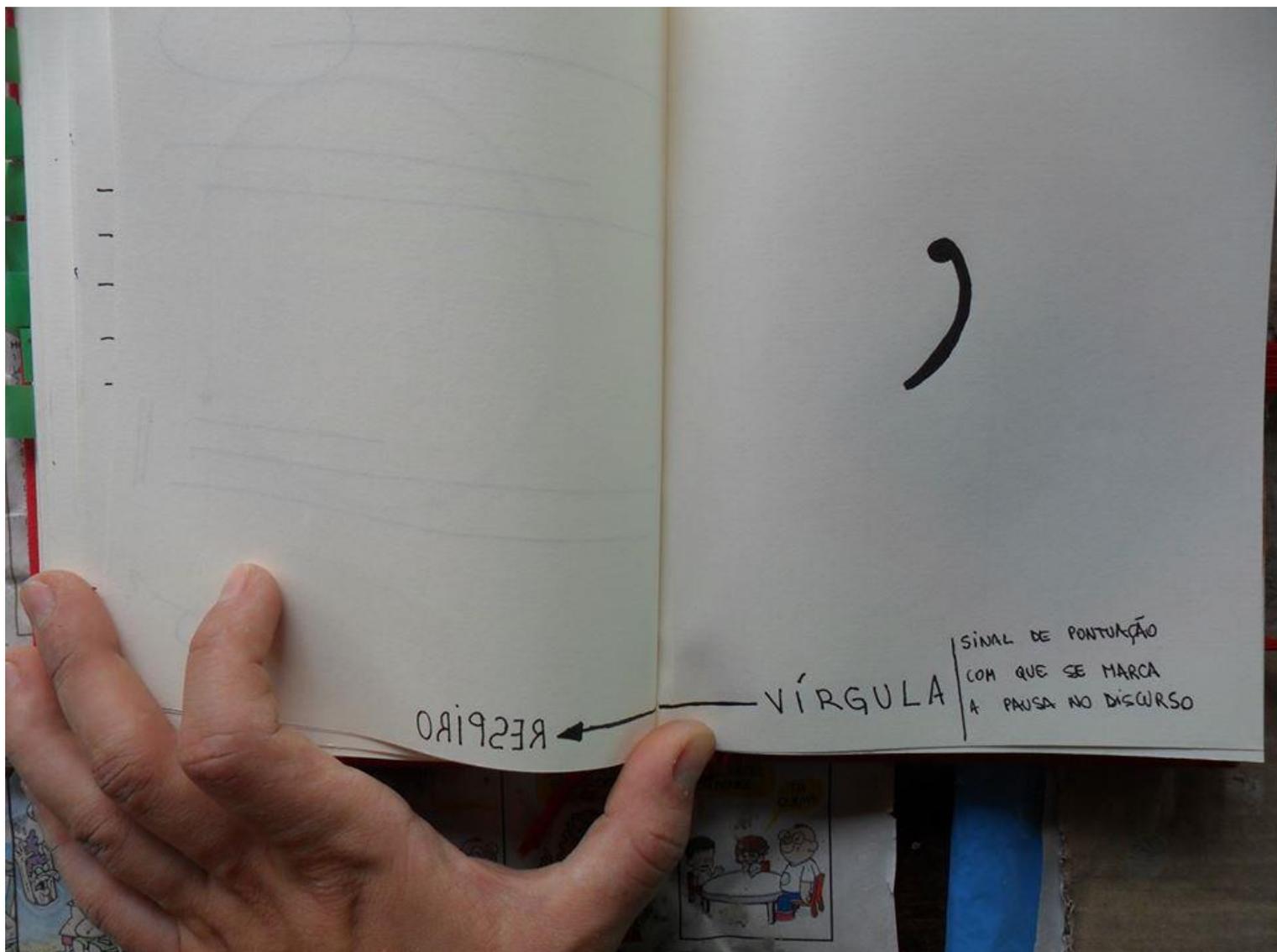


Allan Kaprow, *Taking a Shoe for a Walk*, 1989.  
Activity. Photo: Wolfgang Traeger

*“A arte aceita a vida e a  
experiência com toda a sua incerteza”*  
(John Dewey)

.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....  
.....





Ela faleceu. Eu não tive palavras. Minha irmã sim.

PARA PODER MORRER QUANDO SE ESTÁ

MORRENDO<sup>###</sup>



Silêncio,  
alguém está morrendo.

na verdade o que acho triste desse momento é  
o modo como a sociedade se organiza para  
acolher uma pessoa que está morrendo aos  
poucos.

a frieza, o controle do corpo, o isolamento  
a solidão de uma u.t.i.

eles te mantém lá até o último momento,  
eles te mantém dependente dos procedimentos  
médicos  
porque é lucro pra eles

a pessoa não tem direito a ter uma catarse do  
corpo pra morrer  
como gritar, sangrar...  
o corpo é controlado, vai minguando, sem som,  
todo medicado

cada reação é abafada com medicamentos

é o que aconteceu com o parto também  
parir sem dor, sem grito, sem sangue,  
sem transe...  
enfim, uma sociedade que se organiza em torno  
do medo e do controle dos instintos

em sociedades mais humanizadas o ser pode  
ter pessoas amadas no fim da vida ou ter um  
acompanhamento espiritual

ter alguém que ajude a encaminhar a alma para  
o infinito

mas nós,  
nós vamos visitar o corpo morrendo  
de 2 em dois  
por 30 min  
2 x por dia

Ficamos impotentes diante da morte  
E de um corpo que foi amado por nós

O corpo amado  
agora se transforma em um corpo sem lugar  
um corpo que não cabe mais entre nós  
e também não consegue partir  
Um corpo morto que ainda não morreu

querida amada,  
espero que já tenha partido  
e que o corpo deformado sem vento, sem sol

que o teu corpo amorfo  
seja somente uma ilusão

que seu corpo assim  
seja somente para nos lembrar  
do quanto não estamos preparados para o fim

querida amada,  
que vc esteja em sons de pássaros  
e perfumes de flores

que você esteja no jardim perfeito que não pode  
ter por aqui.

by/bye luu

---

\*\*\* Texto de Luciana Navarro publicado em seu  
perfil do Facebook.



Dois anos antes, ela em tom de  
confidência me entregou uma série  
de polaroides.

Era sobre uma viagem  
e um amor.



REVISTA  
APOTHEKE





Eu estou aqui.  
Você está aqui.

Se notares na minha voz qualquer vacilo, é meu corpo que vacila.  
Isso tudo é corpo.

E pra onde vai a voz quando não dizemos?  
E se dizemos, logo depois, para onde vai a voz?

**Relato:** *O roubo do cavalo*

Enquanto caminhava da escola para casa se deu conta da existência de um cavalo no meio do caminho, logo ali em um terreno baldio.

Era um cavalo feio, com pelos ralos, de cor branca e bastante sujo. Um cavalo doente e um pouco triste. Dentro da cidade ninguém tinha cavalos. Eles apareciam vez ou outra carregando homens que vinham fazer compras ou negociar a plantação.

A menina com mochila escolar do He-Man, enfrentou o matagal inicial do terreno e caminhou até o fundo. Tudo era cheiro de cavalo.

Numa passada de mão sentiu os carrapatos gordos grudados na pele do bicho. O desejo era cavalgar.

\*\*\*

22 de setembro  
Insônia fulminante

Envio para 13 amigos a pergunta:  
**aonde vamos com o que fazemos?**

*Sua pergunta me pegou profundamente, Logo de manhã...*



*Podemos ir para muitos lugares com o que fazemos. Falarei de mim, mas falarei de você. Na sua pergunta existe um nós implícito.*

*Bom, tento aqui responder:*

*Podemos ir para muitos lugares. Amazonas, México, França, Paranaguá, Lapa, Salvador, mas podemos ir para Lugar Algum. Podemos ir para aonde nosso desejo e nossas possibilidades nos levam. Podemos ir para tantos lugares, mas saímos da gente ou não? Como no "tu nãoo te moves de ti", ser;a mesmo que as paisagens nao sao capazes de nos modificar? Eu ja nao tenho mais certezas.,,*

*Paisagens sao passagens e elas nos modificam e nos fazem nos mover, mesmo que de maneira passageira.*

*Perdoe-me Hilda Hilst.*

*Mas te pergunto: o que fazemos aonde vamos?*

**5DGC46  
SVMX8L  
A4V3NH**

**MFTK5W**

**WM1C5R**

**3QBELM**

**EGXDUL**

**MP68X9**

**RWKMJ**

**OTEVON**

**RWKMJJK**



REVISTA  
**APOTHEKE**

J7C7GP

WJQWSP

CYMCVK

PBVJQR

HFDHFT  
5AGWWY

Mi querida, no sé a qué te refieras, pero trataré de responderte.

Por el día de hoy yo iré al trabajo y del trabajo a la casa. Qué hago con todo el trabajo acumulado? Pagar la renta, el mandado, gastos fijos y con lo que sobra salir a fiestas o juntar dinero para un libro o viajes y procurarme un futuro decente sin muchas exigencias.

Con el "arte" no sé bien a dónde voy. Solo siento la necesidad de hacerlo y esa necesidad se ve aliviada cuando en el proceso, el mismo desarrollo del proyecto alivia mis necesidades. Si después se puede compartir con alguien y por ahí alguno se identifica, eso es gratificante. Compartir ideas a través del lenguaje visual, en el que no estamos tan bien educados como el verbal y que te sientan o entiendan lo que tú tratas de decir es poderoso.

Entonces no sé cuál sea la meta cuantificable a largo plazo. Yo nomás quiero estar bien. El hacer estas acciones me generan bienestar, me siento tranquilo porque hago cosas significativas para mí. Supongo que es esa la meta: tranquilidad y satisfacción.

Yo también te extraño.

Besos de vuelta,

Qué hago con ?



\*\*\*

Quando acorda no meio da noite tem por costume ir até a cozinha.

Bebe um copo de leite gelado e às vezes mordisca uma bolacha.

Caminha da cozinha para sala e deitado no sofá enfrenta a televisão: show da fé, pornografia, filme italiano, e coisas que não sabe bem o que é.

Desde os 20 anos não dorme mais do que 4 horas seguidas.

Atento. Sempre atento. Agora seu coração pulsa visivelmente no antebraço esquerdo.

*resposta 1-> eu já fui para Londres, Manchester, Tallin, San Peterburg, Paris, Lisboa, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Sergipe, Roraima, Pará, Brasília, Acre...*

*resposta 2 -> para um outro plano espiritual*

*resposta 3 -> não importa, segundo o colóquio que rolou no Rio com os gigantes da teoria feminista, filosofia e antropologia sobre o meio ambiente, o mundo acaba em 2040. Tá fácil, só precisamos sobreviver 36 anos.*

*amo vc.*

*beijo*

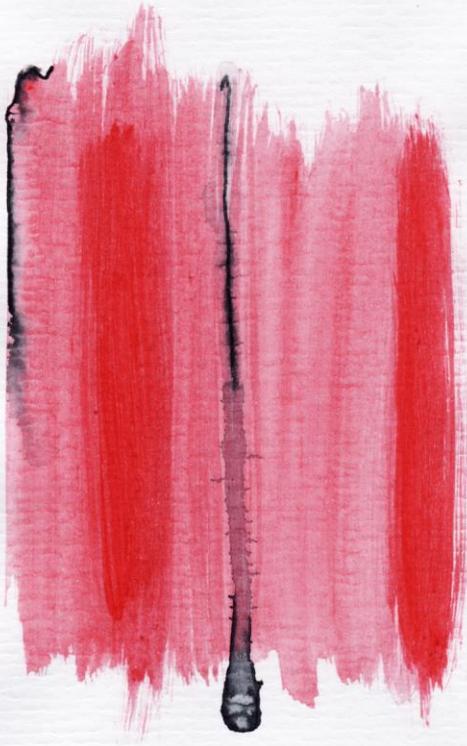


REVISTA  
**APOTHEKE**

\*\*\*

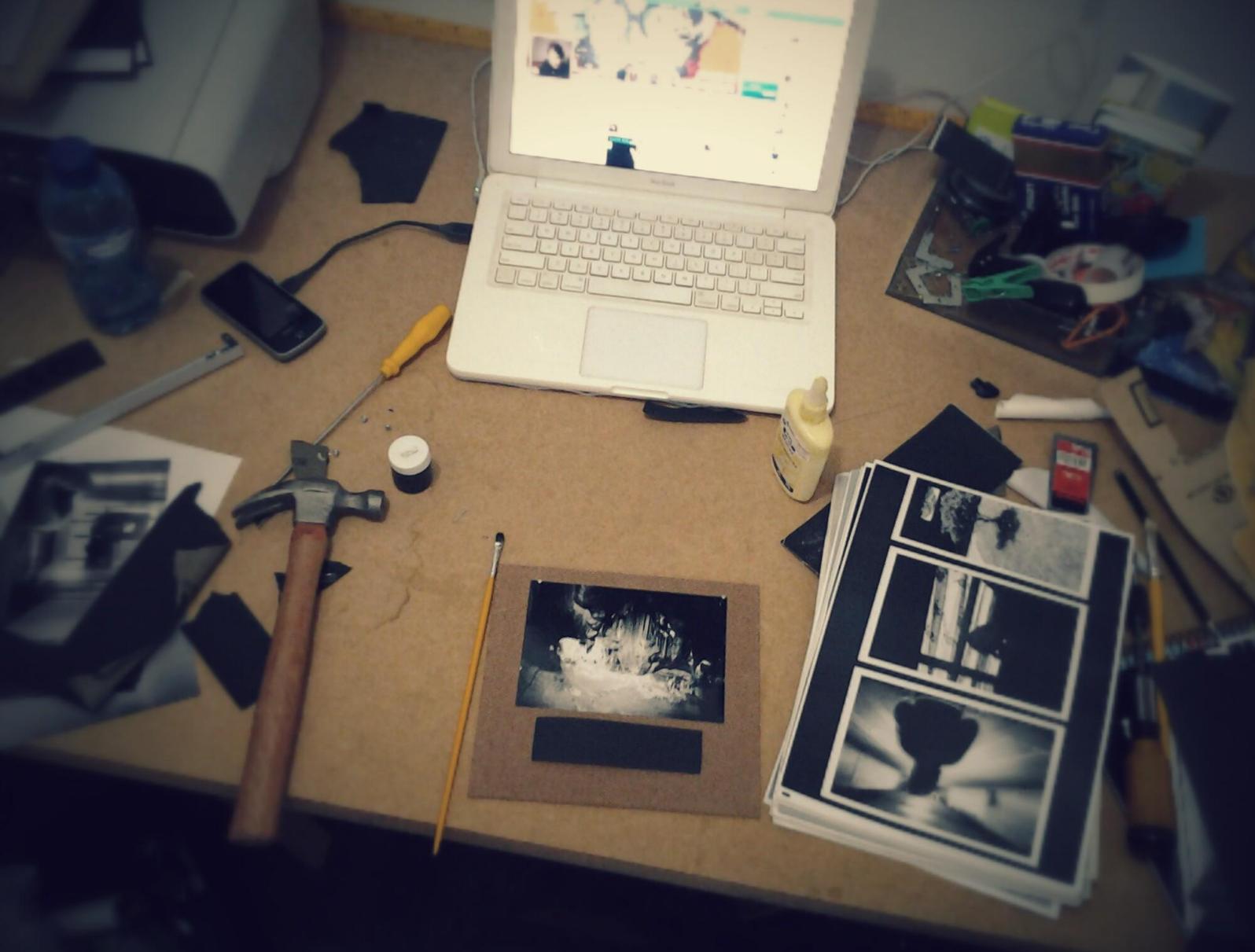
John Cage escrevia em 1966

*Que faremos com nossas emoções? (“Suporte-as, eu a ouvi dizendo.) Tendo tudo de que precisamos, continuaremos, contudo a passar noites sem descanso, em vigília, desejando prazeres que imaginamos que nunca virão.*



ONTEM

MADE IN U.S.A.



22:29 **Luana Navarro**  
e aí como tá a vida?  
22:29 **Arthur Do Carmo**  
chata  
22:29 **Luana Navarro**  
por que?  
22:30 **Arthur Do Carmo**  
ou, mandou alguma coisa pro Salão  
Paranaense?  
22:30 **Luana Navarro**  
não. perdi o prazo  
e vc?  
22:30 **Arthur Do Carmo**  
somos dois  
22:30 **Luana Navarro**  
dois tontos hahah  
22:30 **Arthur Do Carmo**  
hahaha, exato!  
22:31 **Luana Navarro**  
tô aqui em crise  
22:31 **Arthur Do Carmo**  
com o quê?  
22:31 **Luana Navarro**  
com o projeto de mestrado não sei o que tô  
fazendo e nem o que quero fazer  
22:31 **Arthur Do Carmo**

mas você tá começando, hora boa pra ter  
crise hahah  
22:31 **Luana Navarro**  
hahahaha  
ai arthur a sensação que tenho é que não  
tenho trabalho  
que tudo é sei lá o que  
não sei o que quero fazer  
sinto que não penso profundamente em  
alargar as coisas  
vou fazendo  
22:32 **Arthur Do Carmo**  
ou, tava tendo a MESMA sensação  
22:32 **Luana Navarro**  
sério?  
22:33 **Arthur Do Carmo**  
sim... a única coisa que poderia mandar pro  
salão, por exemplo, era a prateleira.  
o resto é tudo projeto.  
22:33 **Luana Navarro**  
eita  
22:33 **Arthur Do Carmo**  
projeto e processo  
22:34 **Luana Navarro**  
e aí a gente faz o que? mais projetos?  
eu tô nessa tb  
sei lá



talvez devesse escrever mais e pensar mais meus trabalhos

22:35 **Arthur Do Carmo**

o que você diz quando diz em alargar as coisas?

22:35 **Luana Navarro**

estamos produzindo em um lugar seguro eu sinto no meu caso, acho que preciso alargar o que faço e onde faço cansei, não quero mais trabalhar sozinha não quero mais expor sozinha

22:36 **Arthur Do Carmo**

mas tuas últimas exposições não foram nada sozinha

22:36 **Luana Navarro**

sim, quero isso cada vez mais então acho que meu trabalho tá virando uma articulação de pessoas passei no edital do museu da fotografia e o que vou fazer tem a ver isso

22:37 **Arthur Do Carmo**

QUE MASSA!!!

parabéns!

22:37 **Luana Navarro**

uma Biblioteca para Corpos em Expansão

22:37 **Arthur Do Carmo**

você comentou brevemente isso

22:37 **Luana Navarro**

mas sei lá isso não tem nada a ver com minha proposta para o mestrado preciso me ver/encontrar mais nos projetos

22:39 **Arthur Do Carmo**

não ter proximidade agora com o projeto de mestrado não parece um problema, isso ainda está aberto.

tô pensando que os trabalhos podem se encontrar de outra maneira, essa exigência de uma poética coesa.

que restringe a produção.

22:40 **Luana Navarro**

ah sim, isso concordo contigo

22:40 **Arthur Do Carmo**

sendo que podem estar ligadas numa questão mais ampla.

22:40 **Luana Navarro**

mas de qualquer forma algo tem que se encontrar penso eu

22:41 **Arthur Do Carmo**

sim.

22:42 **Luana Navarro**

tô estudando o Basbaum e me dando conta de como ele é performático

22:43 **Arthur Do Carmo**

performático pelo discurso gerado

22:43 **Luana Navarro**

não apenas, ele gera performances coletivas. O discurso se faz nesse performar coletivo, isso estou dizendo a partir do trabalho da 30 bienal, o conversas

22:44 **Arthur Do Carmo**

mas desde quando faz a performance na mesa do Elvo Benito, nos anos 80, com a Marcia X, e etc faz isso.

22:45 **Luana Navarro**

sim!!! e coletivamente! rs

22:45 **Arthur Do Carmo**

pois é!

22:45 **Luana Navarro**

acho que o nome do cara não é Elvo Benito, você se refere ao teórico italiano que vem falar sobre pintura, né?

22:45 **Arthur Do Carmo**

sim!

22:46 **Luana Navarro**

pra onde vamos com o que fazemos?

22:46 **Arthur Do Carmo**

Achile Bonito, está certa. Achile Bonito Oliva nossa! não sei também!!! mas isso é uma questão. pensei agora que vamos ao encontro de outras gerações, por vir.

22:48 **Luana Navarro**

você acha mesmo? acha mesmo que vamos estar nesse encontro? quando fazemos arte não pensamos nisso

22:48 **Arthur Do Carmo**

tenho pensado no que fica dessas produções todas... e quando penso nesse encontro penso nas estratégias que se mantém, que começam a ficar cada vez mais evidentes. esses projetos coletivos estão acontecendo em vários lugares, no espaço da cidade, por exemplo.

22:51 **Luana Navarro**

sim. fica a praça de bolso rs

22:51 **Arthur Do Carmo**

hahah sim. as ocupações de prédio, uma conscientização da violência do estado.

22:52 **Luana Navarro**

mas não você não acha que tem faltado uma torsão mal criada nisso tudo? todo mundo anda tão comportado

22:53 **Arthur Do Carmo**

as contestações são outras, não sei. antes se podia contestar uma linha poética, um trabalho de arte, um discurso. hoje a gente contesta um discurso aqui no Facebook. A gente contesta comportamentos

22:54 **Luana Navarro**

fico pensando se em certo sentido a Melendi não tem razão quando diz que acredita que a arte precisa retomar o sensível, a Ana Luisa Lima uma vez me disse algo parecido sobre isso. Eu queria contestar pela vida, só isso sem razões maiores assim simplesmente à vida

22:55 **Arthur Do Carmo**



pois é! aí que eu acho que vamos ao encontro das gerações seguintes.

22:55 [Luana Navarro](#)

rs

22:56 [Arthur Do Carmo](#)

sensibilização que gera uma espécie de consciência coletiva pro sensível.

\*sensibilização

22:56 [Luana Navarro](#)

pode ser... pode ser ...

22:57 [Arthur Do Carmo](#)

mas o que eu sei é o seguinte... é muito difícil viver sem sentido.

rs muito difícil mesmo

22:57 [Luana Navarro](#)

é insuportável viver sem sentido, por isso a gente entra nesse jogo todo e vai brincando com as coisas, não tem outro jeito

22:58 [Arthur Do Carmo](#)

sim! a gente não tem mais grandes ideologias pra se agarrar, nem nada.

22:59 [Luana Navarro](#)

isso nem me parece problemático, já nasci nos anos 80, não tinha mais onde se segurar acho que a galera dos 60 e 70 que deve sofrer com isso

23:01 [Arthur Do Carmo](#)

pois é. acho que é mais complicado também por termos a primeira a ter de viver com isso (concordo que deve ser difícil pra eles, mas eles já têm suas histórias) tem uma entrevista que o jack white fala sobre isso e achei ótima.

23:02 [Arthur Do Carmo](#)

<http://rollingstone.uol.com.br/noticia/jack-white-diz-bob-dylan-voces-tiveram-muita-sort/>

[rollingstone.uol.com.br](http://rollingstone.uol.com.br)

[rollingstone.uol.com.br](http://rollingstone.uol.com.br)

“Duvido que Frank Sinatra se importava com o que estaria na capa dos discos dele”, comenta o

guitarrista e vocalista

23:02 [Arthur Do Carmo](#)

acho esse um cara muito consciente do que faz e da época em que vive.

23:03 [Luana Navarro](#)

ah vou escutar aqui

23:04 [Arthur Do Carmo](#)

é um texto mesmo. mas vale escutar as músicas dele também.

23:06 [Luana Navarro](#)

de que banda ele é?

23:06 [Arthur Do Carmo](#)

baixa o blunderbuss, que é do caralho ele era do white stripes blunderbuss

23:07 [Luana Navarro](#)

é um álbum?

23:07 [Arthur Do Carmo](#)

sim! álbum de estreia solo. é muito foda.

23:09 [Luana Navarro](#)

massa vou ouvir!

que bom falar com você.

23:10 [Arthur Do Carmo](#)

eu também curto falar contigo!

ó só uma palhinha do disco!

23:10 [Arthur Do Carmo](#)

<https://www.youtube.com/watch?v=MvpoiBW9bc>

23:11 [Arthur Do Carmo](#)

sério. é de foder o espírito.

23:11 [Luana Navarro](#)

que dança ótima!

vamos sair pra dançar no fim de semana?

23:11 [Arthur Do Carmo](#)

hahahah sim! pra isso mesmo!

vamos!

23:11 [Luana Navarro](#)

então vamos!!!

23:11 [Arthur Do Carmo](#)

sexta tem aniversário do jaimé

23:11 [Luana Navarro](#)

onde?

23:11 [Arthur Do Carmo](#)

na casa dele!

23:12 [Luana Navarro](#)

eita! estarei lá!

mas quero dançar!

23:13 [Arthur Do Carmo](#)

massa! haha vamos dançar muito!

23:14 [Luana Navarro](#)

yeah! a música é ótima! Adorei!

vou nessa, vou ler umas coisas aqui

nos vemos no fim de semana

23:14 [Arthur Do Carmo](#)

baixa o disco! é ainda melhor!

blz! bjo bjo

23:16 [Luana Navarro](#)

baixarei! beijo beijo!



## The Best Things in Museums Are the Windows

HARRELL FLETCHER  
San Francisco, CA  
2013

Veja também

nos, nó, todos nós, nós mesmos,  
a nós, com nós, nós próprios,  
a nós mesmos

Luana Assis Navarro - Artista visual e mestranda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina. Possui graduação em Comunicação Social - Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2009) e especialização em História da Arte Moderna e Contemporânea pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná. Desenvolve projetos com fotografia, vídeo, performance e texto. Realizou diversas exposições no Brasil, em 2012 participou de uma residência artística no Centro de la Imagen na Cidade do México. Em 2009 e 2010 através do Programa Rede Nacional Funarte viajou para o norte do país e desenvolveu respectivamente os projetos Transamazônica Imaginários Compartilhados e Fordlândia. Atua também como produtora no campo das artes visuais. [www.luananavarro.com](http://www.luananavarro.com)

Produções de discentes do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, na Disciplina Sobre ser Artista Professor, ministrada pela Professora Dra. Jociele Lampert, 2014/1.